



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

SÔNIA REGINA DE MELO

**ARTES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
PROCESSOS DE APRENDIZAGEM COM CRIANÇAS**

ITABAIANA, SE

2021

SÔNIA REGINA DE MELO

**ARTES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
PROCESSOS DE APRENDIZAGEM COM CRIANÇAS**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira.

ITABAIANA, SE

2021

SÔNIA REGINA DE MELO

**ARTES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
PROCESSOS DE APRENDIZAGEM COM CRIANÇAS**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Roselusia Teresa de Morais Oliveira.

Aprovada em: 16 de abril de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Roselusia Teresa de Morais Oliveira
(Departamento de Educação - DED/ UFS)
(Orientadora)

Prof. Dra. Andrisa Kemel Zanella
(Centro de Artes- UFPel-RS)

Prof. Dra. Lívia Jéssica Messias de Almeida
(Departamento de Educação - DEDI/ UFS)

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por todas as coisas que tem feito em minha vida, e essa conquista também me foi concedida por Ele, pois por Ele e para Ele são todas as coisas. Obrigada Jesus!!!

Grata a Deus por ter me presenteado com uma família maravilhosa e que está comigo em todos os momentos. Muito obrigada família, amo vocês. Agradeço a minha mãe por está comigo em todas as situações e sempre torcendo por mim.

As minhas colegas de faculdade por fazerem parte dessa caminhada, na qual sei que muito aprendemos com as experiências que vivenciamos juntas. Em especial as minhas amigas guerreiras de curso; Gabriela Araújo e Layslaine que já no primeiro período tivemos a felicidade de formarmos o trio das “Meninas super poderosas” e foi preciso realmente nos tornarmos poderosas para vencer tantas batalhas que surgiram ao longo dessa graduação, Mas vencemos e o mais importante nossa amizade não foi abalada.

Grata aos professores que tanto contribuíram para meu crescimento intelectual, mas principalmente a compreensão dispensada por cada um, obrigada a todos! Em especial a minha orientadora, professora e amiga, Roselusia que sua sensibilidade conseguia e humanidade sempre tem uma palavra de incentivo e sempre sorrindo consegue iluminar o ambiente onde está, muito obrigada não tenho palavras para agradecer tudo que tem feito por mim

RESUMO

O desenvolvimento cognitivo e emocional da criança é possível por meio da experimentação do mundo ao seu redor. Tendo em vista essa perspectiva a presente pesquisa foi realizada com o objetivo de analisar as experiências artísticas para aprendizagem de crianças dos anos iniciais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em que buscou-se por estudos dos últimos dez anos sobre Arte-Educação no Brasil, para compreender de que maneira as interações artísticas favorecem o desenvolvimento infantil e também mostrar, de que forma um ateliê de Artes pode favorecer o processo de ensino e o acesso dos alunos a experiências artísticas, entendendo a relevância desse espaço e também a importância de proporcionar às crianças vivências com as manifestações artísticas, reconhecendo assim, o potencial das Artes em seu desenvolvimento. Para isso contamos com contribuições teóricas de autores como: Ana Mae Barbosa e seus estudos sobre Arte educação e Abordagem Triangular do ensino de Arte e também a visão de Elliot E. Eisner sobre as contribuições da Arte para a educação. Foi possível a partir da pesquisa, concluir que o ateliê de Arte possibilita ao aluno apreciar e refletir sobre obras artísticas e desenvolver suas capacidades cognitivas, motoras e emocionais, o que lhe propicia uma melhoria em sua relação com os outros mediante o processo de experimentação artística.

Palavras-chave: Arte-Educação. Ateliê de arte. Aprendizagem. Arte na escola.

ABSTRACT

The child's cognitive and emotional development is made possible by experiencing the world around him. In view of this perspective, the present research was carried out with the objective of analyzing the artistic experiences for learning of children of the early years. This is a bibliographic research, in which studies of the last ten years on Art-Education in Brazil were sought, in order to understand how artistic interactions favor child development and also show how an Arts studio can favor the teaching process and students' access to artistic experiences, understanding the relevance of this space and also the importance of providing children with experiences with artistic manifestations, thus recognizing the potential of the Arts in their development. For this we have theoretical contributions from authors such as: Ana Mae Barbosa and her studies on Art education and Triangular Approach to Art teaching and also Elliot E. Eisner's view on the contributions of Art to education. It was possible from the research, to conclude that the Art studio allows the student to appreciate and reflect on artistic works and to develop his cognitive, motor and emotional capacities, which provides him with an improvement in his relationship with others through the process of artistic experimentation .

Keywords: Art-Education. Art studio. Learning. Art at school.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	A ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS.....	13
2.1	A perspectiva da arte-educação.....	14
2.2	O papel da escola como mediadora entre as Artes e o aluno.....	18
2.3	Abordagem triangular no processo de ensino/aprendizagem de Artes.....	21
2.4	Contribuições da Arte para educação.....	24
3	ATELIÊS: SABERES EM CONSTRUÇÃO.....	27
4	PESPECTIVAS SOBRE EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS PARA CRIANÇAS.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	Referências	43
	Anexos.....	47

1 INTRODUÇÃO

As manifestações artísticas são formas de produção da humanidade, é por meio delas que o ser humano lança seu olhar sobre o mundo, expressando aquilo que pensa e sente por meio da criação. São construções de diferentes saberes, adquiridos em seu desenvolvimento com influências sociais, políticas, econômicas, religiosas e emocionais. Com isso, o contato com as diferentes linguagens artísticas pode possibilitar maneiras diversas no desenvolvimento criativo na construção de conhecimentos que se dá por meio do processo de produção artística, devendo ser proporcionada ao sujeito, liberdade e autonomia no criar. Nesse contexto, a escola, enquanto agência de educação, deve mediar o acesso às artes e ao incentivo à criação na vida do aluno.

A lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB), estabelece em seu capítulo II, artigo 26 no inciso 2º que o ensino da arte, especificamente em suas expressões regionais, deve ser componente curricular obrigatório da educação básica. Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) recomenda a utilização das artes no processo de aprendizagem, tendo em vista sua contribuição para uma interação crítica do aluno e sua relação com o mundo, valorizando o processo de criação artística e suas diferentes manifestações. No ensino fundamental, esse documento orienta como proposta para o componente Artes as seguintes linguagens: artes visuais, dança, música, teatro e artes integradas, sugerindo uma articulação de saberes que envolva práticas de criação, leitura, produção, construção, exteriorização e reflexão sobre formas artísticas, propondo metodologias que estimulem a sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades nos processos de aprendizagem.

Nessa perspectiva, a orientação curricular propõe um ensino fundamentado em experiências que contribuam para uma interação entre o aluno e a realidade à sua volta, de maneira a proporcionar um olhar sensível sobre as vivências culturais que se apresentam na sociedade. Portanto, as artes em suas diferentes linguagens podem contribuir para levar o aluno a problematizar situações, levando-os a refletir a busca de soluções práticas pelo fazer artístico.

Na primeira infância, o contato com materiais que proporcionam experiências estéticas contribuem para o despertar da criatividade, devendo ser mediada mas não moldada, a fim de estimular a autonomia da criança. Diante disso, é relevante a criação de um espaço e práticas que agucem modos de expressar a curiosidade, a criação, a imaginação e a invenção das crianças, com materiais e dinâmicas que as permitam sentir-se livres para explorar. Nesse

contexto, o professor assume o papel de observador e mediador das experiências que vão acontecendo, estimulando ao máximo as potencialidades de cada aluno.

Além disso, há também, a necessidade de uma formação que possibilite ao professor da educação básica, realizar nas aulas de Artes, atividades que contribuam para o desenvolvimento integral da criança, não se limitando a um fazer sem intencionalidade ou significado, reconhecendo o potencial das linguagens artísticas para formação de consciência crítica das crianças. Como instrumento aliado na atividade artística com foco no desenvolvimento cognitivo dos alunos está o ateliê de arte, que se utiliza de trabalhos de artísticos feitos pelos próprios alunos, permitindo que eles lancem um novo olhar sobre o mundo por meio da experimentação com a mediação do professor.

A partir dessa reflexão, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão-problema: *qual a contribuição da arte para a aprendizagem das crianças dos anos iniciais?* Para responder à questão norteadora deste estudo, foi estabelecido o seguinte objetivo geral: analisar a influência das experiências artísticas para aprendizagem das crianças dos anos iniciais. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1 - desenvolver um estudo bibliográfico sobre a Arte-Educação no Brasil, nos últimos 10 anos; 2 conceituar e compreender o ateliê no contexto educacional; 3 - indicar possibilidades de experiências/vivências artísticas com crianças.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa justifica-se pelo interesse de analisar a influência das manifestações artísticas no desenvolvimento de crianças, especialmente no contexto educacional e na utilização de ateliês de arte como centros geradores de experiências e estimuladores das potencialidades das crianças. Portanto, a relevância dessa pesquisa se manifesta na busca de significados para uma aprendizagem, a partir de proposições estéticas e teóricas que proporcionem uma reflexão sobre as potencialidades das artes para o desenvolvimento da criança. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008), é desenvolvida com base na análise da literatura científica. Assim, com o intuito de ampliação do conhecimento acerca do tema, buscou-se por produções, principalmente nas bases de dados *Scielo* e banco de teses e dissertações da CAPES, na área de artes e educação publicadas nos últimos 10 anos.

Esse trabalho está organizado da seguinte forma: 1 - na introdução, foram apresentados o tema central da pesquisa, problema de pesquisa e os objetivos e metodologia utilizada para a realização do trabalho 2 - na seção dois, foi realizado um estudo bibliográfico sobre Arte-Educação no Brasil; 3 – na seção três, caracterizou-se o ateliê no contexto

educacional; e na seção 4 foram apresentadas sugestões de vivências artísticas para crianças dos anos iniciais; 5 – sexta seção, são apresentadas as considerações finais do estudo.

Nos levantamentos realizados entre as pesquisas que compreendem o período de 2010 a 2020, foram citados autores que contribuíram para a construção do referencial teórico deste trabalho como Barbosa (1998), que propõe reflexões sobre Arte-Educação, a relevância da Arte enquanto ciência e inaugura o conceito de Proposta Triangular; Eisner (2008), que também apresentou reflexões acerca do tema, apontando contribuições da Arte para a educação; Ferraz e Fusari (2010), que demonstram a importância da disciplina de Artes e o papel do professor e suas práticas; Bedin e Vieira (2013), que fazem uma análise sobre o ensino de Artes e suas atribuições para o desenvolvimento do aluno; Lopes (2015), que analisa a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, apresentando sua importância para uma renovação na forma de ensinar Artes; Diehl, Ambrós e Pereira (2013), desenvolvem uma análise sobre a importância do ateliê na escola; e por fim, Utari (2016), apresenta a proposta de um professor propositor.

Em relação aos procedimentos metodológicos o presente trabalho é desenvolvido com abordagem qualitativa por meio de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que, Segundo Cerro, Bervian e da Silva (2007, p. 61), esse tipo de pesquisa “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema.” Dessa forma, foi realizado um levantamento para a seleção de artigos, dissertações e teses que contribuíram na construção e fundamentação teórica deste estudo, usando como bancos de dados: 1 - Biblioteca Eletrônica Científica Online - *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO); 2 - Banco de Teses e Dissertações da Capes; Dados das Teses e Dissertações da Pós-Graduação - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); e 3 - periódicos de diferentes Universidades.

A primeira estratégia de busca foi a inserção de palavras-chave para, em seguida, serem introduzidos os descritores combinados¹, a saber: arte-infância, arte-educação, artes, educação e ateliê escola. Manteve-se a palavra arte nas combinações dos descritores por ser o foco principal que orienta a presente investigação. No banco de teses e dissertações da Capes, foram encontrados 321 trabalhos resultantes de pesquisas em periódicos e cerca de 960 dissertações a partir da utilização dos descritores “arte - educação”, “ateliê escola” e “ensino de artes”. Diante desse volumoso número de pesquisas encontradas e publicadas entre os anos

¹ “[...] combinação de dois componentes da pergunta e adicionar outros componentes para refiná-la, se necessário.” (GALVÃO; PEREIRA, 2014. p.02) Ou seja é uma estratégia de busca e fontes de informação.

de 2010 e 2020, foi delimitado o critério de seleção para pesquisas que envolviam apenas o Ensino Fundamental.

Entre os periódicos, foram encontradas cerca de 08 publicações que se aproximavam do tema pesquisado. Na biblioteca digital brasileira de teses, foram encontradas 211 dissertações, e por estarem próximas do tema dessa pesquisa, foram selecionadas 02 dissertações. Para isso, foram aplicados filtros com as palavras-chave que trouxeram uma aproximação das publicações relacionadas ao tema pesquisado, sendo elas: arte, arte educação, ensino de artes, arte na escola, ateliê na educação. Também foram combinadas as seguintes palavras: arte, educação, infância, escola e ateliê. Esse padrão foi utilizado em todos os bancos de dados escolhidos para a pesquisa desse trabalho, para que assim, pudéssemos chegar a publicações que estivessem relacionadas ao tema a ser pesquisado, conforme Quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Mapeamento Bibliográfico.

TÍTULO	AUTOR	ANO	INSTITUIÇÃO	TIPO
Ateliê de arte na escola: percursos dialógicos entre o espaço vazio e o espaço a ser apreendido.	Clarice Carolina Ortiz de Camargo	2011	Universidade Federal de Uberlândia –UFU	Artigo
A arte como direito da infância e a sua inserção no ensino fundamental de nove anos.	Cilene Nascimento Canda	2012	Universidade de Brasília - UNB	Artigo
Bebês, Museus e Mediação: da dimensão estética às relações.	Cristina Carvalho; Maria Emília Tagliari Santos.	2019	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)	Artigo
Cultura, Arte e Educação: identidades emancipatórias	Roney Gusmão; Célio Meira.	2018	Periódicos UEM	Artigo
Abordagem triangular: concepções e práticas pedagógicas de professores de arte dos anos iniciais do ensino fundamental.	Elisiane Souza Saiber Lopes.	2015	Universidade Regional de Blumenau – FURB Centro de Ciências da Educação, artes e Letras - CCEAL	Dissertação
Arte, só na aula de arte?	Mirian Celeste Ferreira Dias Martins	2011	Revistas eletrônicas pucrs	Artigo
Parangolé: arte, infância e educação	Paula Cristina Medeiros Rezende e Tamara Rossi de Oliveira.	2014	Universidade Federal de Uberlândia (UFU),	Artigo
Trabalhando para chegar ao significado: pequenas histórias do ateliê de artes	Ana Cristina Aloia Ronconi e Eliana Braga Aloia Atihé.	2012	Periódicos eletrônicos Universidade Federal do Maranhão	Artigo
NUPEDOC: Formação Humana, Arte, Infância e Pesquisa	Luciane Maria Schlindwein; Ilana Laterman e Joselma Salazar de Castro.	2018	Revista Brasileira de pesquisa e formação docente.	Artigo
As artes visuais nas práticas das professoras de uma unidade Municipal de educação infantil de Belo Horizonte	Márcia Dárquia Nogueira da Silva.	2015	Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação da UFMG Programa de Pós-Graduação	Dissertações

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Por meio da leitura dos resumos das produções, foram selecionados aqueles trabalhos que apresentaram uma abordagem convergente à temática destacada na presente pesquisa. Em seguida, foi realizada, na íntegra, a leitura dos artigos e demais produções com o objetivo de compreender melhor a temática central desta pesquisa.

2 A ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Desde a antiguidade o ser humano procurou registrar aspectos importantes da sua vida por meio de desenhos em cavernas, permitindo serem criadas outras formas de comunicar informações importantes da cultura de cada sociedade, com seus valores e costumes que foram construídos e transformados ao longo dos tempos (GROBEL; TELLES, 2014). Assim, o homem se comunica com o mundo de diversas maneiras, dentre essas maneiras está a arte, uma linguagem na qual se pode manifestar pensamentos e sentimentos, uma vez que, a comunicação é uma necessidade humana, como observa Lopes (2015), ao afirmar que a arte é também um meio de se comunicar com os outros e com o mundo. No entanto, para se pensar em um conceito para arte, é necessário atribuir algumas definições que melhor lhe dê significado. Segundo Pareyson (2010) há três definições mais utilizadas:

ora a arte é concebida a um fazer, ora como um conhecer, ora como um exprimir. Estas diversas concepções ora se contrapõem e se excluem uma às outras, ora, pelo contrário, aliam-se e se combinam de várias maneiras. Mas permanecem, em definitivo, as três principais definições da arte (PAREYSON, 1984 apud FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 102).

Na atualidade, a concepção mais trabalhada é a relacionada à expressão. Todo processo criativo se desenvolve no viés da expressividade do artista. É dessa forma que uma obra de arte é entendida pela sociedade, como sendo fruto do olhar subjetivo de seu criador, o que dificulta a leitura daquela obra, que necessita de uma observação atenta a aspectos que se entrelaçam na própria dinâmica de seu contexto histórico. Para Ferraz e Fusari (2010, p. 107), o artista pode ser comparado a um oleiro que, pela sua interferência na natureza, consegue transformar barro em arte, sendo suas criações carregadas de influências culturais e históricas. Dessa forma, “o principal sentido da obra de arte é, pois, a sua capacidade de intervir no processo histórico da sociedade e da própria arte e, ao mesmo tempo, ser por ele determinado, explicitando, assim, a dialética de sua relação com o mundo.”

O fazer artístico não deve ser visto como algo desprezioso e sim como atitude intencional e investigativa. É dessa forma que a BNCC (2018) entende o processo de criação artística, dentro de uma dimensão permeada de conflitos e inquietações, mas que trará como resultados a materialização estética de ideias, representações e sentimentos que estão envolvidos nesse processo.

Pensar na Arte como uma expressão intencional e carregada de propósito, também remete a uma de suas funções que é comunicar. No entanto, essa comunicação é expressão de sentimentos, pensamentos, construções sociais e culturais ao longo do desenvolvimento

humano, que resultam em posições e convicções do indivíduo enquanto ser político. Assim, a arte não pode ser vista apenas como uma manifestação puramente emocional, mas sim, um grito da consciência crítica pela justiça social.

Nesse sentido, é relevante que a criança e o adolescente tenham acesso ao ensino de artes, pois, no conhecimento artístico estão envolvidos aspectos cognitivos, afetivos e emocionais que contribuem para uma educação voltada para problematização, pontos esses que devem fazer parte do currículo, por serem pertencentes ao desenvolvimento pessoal e estarem presentes no cotidiano escolar, como afirmam Bedin e Vieira (2013, p. 03):

como qualquer ciência, a Arte favorece o desenvolvimento intelectual, possui conteúdos próprios capazes de estimular situações adequadas à construção de conhecimento aliado à produção artística e permite a veiculação de ideias, sentimentos, criatividade, expressão artística e cultural através do objeto de Arte.

Dessa maneira, permitir aos alunos experiências para a produção e conhecimento da arte nas suas mais diversas formas contribui para o desenvolvimento em diferentes áreas de sua formação, estimulando-se a liberdade de criação a partir do seu olhar sobre o mundo, transformando a realidade à sua volta por meio da criatividade e observação sensível.

2.1 A perspectiva da arte-educação

A escola ainda trabalha na perspectiva de uma educação na qual há uma visão de corpo disciplinado, em que as práticas se limitam ao movimento em busca da disciplina, esquecendo-se que, o ambiente escolar deve proporcionar liberdade de movimentos e incentivar a expressividade do corpo, uma vez que, ao se expressar, o aluno consegue expor melhor seus sentimentos, emoções e, conseqüentemente, se tornar mais crítico e atuante.

O contato com a Arte na educação possibilitará ao discente “a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade de maneira a mudar a realidade que foi analisada” (BARBOSA, 2009, p. 21 apud GUSMÃ; MEIRA, 2018). Ao se fazer a leitura de uma obra de arte, é necessário ter acesso a diversos conteúdos e a contextos históricos que fazem parte da elaboração da obra. Assim, o aluno passa a ter acesso a conhecimentos de diferentes áreas e que exigem uma reflexão a partir dos elementos contidos naquela obra, proporcionando um novo olhar sobre aquela realidade.

É essa linguagem permeada de significados que a arte apresenta e que muitas vezes não pode ser transmitida de forma literal, mas necessita de um olhar atento e sensível para

interpretá-la. No entanto, é imprescindível vê-la como área de conhecimento, só assim a arte poderá contribuir para o desenvolvimento cognitivo e emocional do aluno, visto que o ser humano não é só cérebro, mas também corpo repleto de subjetividades. Segundo Barbosa (2010, p. 16),

a visão de arte/educação mais fortemente implantada no imaginário popular é a ligada à expressão criadora difusa interpretada como algo emocional e não mental, como atividade concreta e não abstrata, como trabalho das mãos e não da cabeça o movimento de arte/educação como cognição impõe-se no Brasil. Por meio dele se firma a eficiência da arte para desenvolver formas sutis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidades, construir, formular hipóteses e decifrar metáforas.

É nesse contexto em que a arte é vista como atividade manual e emocional, sem emprego mental, distanciada do conhecimento, que o movimento arte/educação se estabelece no Brasil, buscando uma visão que mostra a arte como colaboradora nos processos mentais e para uma educação problematizadora, que contribua para o desenvolvimento no processo de aprendizagem. A arte também proporciona, mediante o fazer artístico, experiências estéticas que possibilitam ao indivíduo o conhecimento de seus sentimentos, pois a reação estética traz a possibilidade de uma pessoa, frente a alguma coisa que a provoque, a lidar com o emocional. É dessa forma que acontece ao ouvir uma música, assistir a um filme ou ler uma literatura, o sujeito é levado a sentir e a expressar suas emoções.

Nessa perspectiva, Schlindwein (2018, p. 75) “a tomada de consciência dos próprios sentimentos e vivências é particular a cada ser humano. Trata-se de algo constituído nas trocas sociais, e pelas trocas sociais, que será convertido em próprio, em específico de cada pessoa”, sendo relevante o contato com experiências que oportunizem o reconhecimento do sentir como algo inerente à própria essência humana. Dessa forma,

por considerar a escola um espaço privilegiado de formação, presente nas mais diversas comunidades urbanas e rurais e por atingir grande contingente de crianças, o seu papel é ampliar o espaço e o tempo para experiências individuais e coletivas, no âmbito estético, linguístico e social. Porém, a mediação desses processos necessita de uma abertura para o acolhimento da expressão e da capacidade do outro e da promoção de processos artísticos que incentivem a construção de diferentes formas de expressão já construídas histórica e culturalmente pelo ser humano (CANDELA, 2012. p. 127).

Dessa forma, é imprescindível fazer com que o aluno vivencie experiências que contribuam para o desenvolvimento das relações sociais, pois assim, de maneira natural, poderá se desenvolver enquanto pessoa, compreendendo também a existência do outro, percebendo as diferenças existentes em cada ser. A arte pode ser vista ainda,

como um tipo de linguagem, a arte desempenha papel relevante na formação das características psicológicas humanas, pois atua no processo de construção de uma realidade histórica e cultural do sujeito. Em suas diversas formas e manifestações, a arte é expressão da objetivação particular que representa singularidades da condição humana universal. Dessa forma, medeia a formação do sujeito na sua relação com a cultura e supõe história, técnica, experiência, transcendência, autonomia, conhecimento e possibilidade de expressão e reconhecimento humanos. Por consequência, a emancipação (RESENDE, 2010 apud REZENDE; OLIVEIRA, 2014, p. 259 - 260).

A partir dessa perspectiva, o autor define como papel da Arte, contribuir de forma significativa nos processos de construção histórica e cultural do ser, pois ela é a manifestação da própria essência humana, que se constrói num caminho de experiências e relações com o outro e o meio em que está inserido, favorecendo a formação desse sujeito na construção das subjetividades que refletem nos pensamentos e sentimentos humanos. De outra forma, a arte enquanto linguagem, se estabelece como resultado da interação humana com o mundo, podendo ser “encarada como campo no qual a relação com a realidade se dá através de um olhar indireto que questiona e vê para além das aparências mais superficiais”. Portanto, não se pode desprezar o potencial das artes enquanto ciência que estimula o pensar a partir do olhar questionador sobre a interpretação de uma produção artística (CARVALHO; SANTOS, 2019, p. 05).

Nessa perspectiva, a interação do homem com o mundo, seja física ou simbolicamente, pode ser analisada a partir da dimensão estética que, embora nos remeta à beleza e à arte, também proporciona experiências que ultrapassam o conceito do belo, levando a criança a desenvolver um olhar curioso sobre as coisas e o mundo, como afirma Carvalho e Santos (2019, p. 04): “o senso estético se apresenta nas ações como um modo empático e intenso que coloca em relação às coisas e ideias, contemplando uma atitude investigativa que experimenta o pensamento e a realidade a partir de ângulos inusitados” contribuindo ao desenvolvimento de uma atitude reflexiva, resultante das experimentações nos processos de produção artística. Além disso, é relevante que a criança também desenvolva sua imaginação, pois, por meio dessa, é criado um mundo novo aos olhos dela, mas que encontra suas bases em elementos existentes à sua volta, ampliando sua percepção em relação ao meio em que vive. Dessa forma,

a imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das

histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita (GIRARDELLO, 2011, p. 76).

Entretanto, a imaginação, além de proporcionar a liberdade de sentir e criar não só manualmente, mas usar a criatividade para a produção mental, por meio do exercício do pensar livremente e do imaginável, ela conduz a criança a criar hipóteses, estratégias e enredos a partir das coisas que já conhece por meio da livre imaginação, que aguça a curiosidade e dá base para formulações mais complexas em seu conhecimento do mundo (GIRARDELLO, 2011). Esse processo de elaboração de hipóteses leva a criança a criar situações-problema tão necessárias para um posicionamento crítico. Assim, as artes podem colaborar como instrumento de acesso a um mundo novo, que perpassa pelas emoções e sensações. Segundo Fischer (1983, p. 13), esse é “o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo, reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias.”

Na infância, a criança precisa ser estimulada a imaginar e a exercitar suas capacidades de criar, dando formas e vida mediante à fantasia. Assim, ela poderá ingressar em um mundo onde sua curiosidade a levará a investigar e a buscar respostas para seus questionamentos. Girardello (2011, p. 87) indica a importância de uma educação que enfatize a imaginação na infância, não separando a razão da emoção, nem a sensibilidade do intelecto.

As experiências sensíveis relacionadas ao sujeito e ao mundo a seu redor precisam ser estimuladas de maneira a proporcionar a articulação entre sensibilidade e percepção, para que a criança, enquanto um ser pleno em subjetividades, construa aprendizados a partir da percepção das relações criadas entre si e o mundo ao seu redor. Nesse sentido a BNCC (2018), ao estabelecer a disciplina de Artes, apresenta as dimensões do conhecimento, as quais contribuem para a construção de saberes relativos às experiências que devem ser vivenciadas pelos docentes. Assim, pode-se citar a estesia e a fruição, por estarem diretamente relacionadas à sensibilidade, percepção e deleite.

2.2 O papel da escola como mediadora entre as artes e o aluno

A prática artística em si proporciona o compartilhar dos saberes entre alunos e professores, no entanto, deve-se ter o cuidado para não reduzir o processo de ensino-aprendizagem a um mero fazer artístico, pois, no próprio ato de criar estão envolvidas concepções que perpassam tanto pela sensibilidade quanto pelo próprio cognitivo do sujeito. Em vista disso, Ferraz e Fusari (2010, p. 58) afirmam que,

é importante que os cursos de Arte sejam pensados também pelos caminhos de uma educação estética, a qual deverá articular-se com esse “fazer”, partindo do contexto da percepção, do uso, conhecimento, apreciação e crítica artística. A educação estética irá contribuir para a ampliação das habilidades já existentes, estabelecendo no processo educacional a ponte entre o fazer e o refletir (pensar).

A escola precisa então, ser mediadora entre as artes e o aluno, e o professor é aquele que pode viabilizar experiências artísticas e oportunidades para uma apreciação que ultrapasse o simples olhar, partindo do experimentar, e apreciar as diferentes manifestações artísticas, que irão possibilitar ao aluno se perceber como protagonista em seu processo criador.

Diante dessa perspectiva, ver significa essencialmente conhecer, perceber pela visão, alcançar com a vista os seres, as coisas e as formas do mundo ao redor. A visualização ocorre em dois níveis principais, um deles refere-se ao ser que está vendo, com suas vivências e suas experiências, o outro, é o que a ambiência lhe proporciona. Mas, ver não é só isso, ver é também um exercício de construção perceptiva onde os elementos selecionados e o percurso visual podem ser educados (FERRAZ; FUSARI, 2010).

Logo, explorar possibilidades pela apreciação das artes visuais trabalhando dentro de uma perspectiva que desenvolva a percepção, por meio de um olhar inquieto e curioso é o caminho a ser percorrido. Pelo conceito apresentado por Ferraz e Fusari (2010, p. 58) observação “é olhar, pesquisar, detalhar, estar atento de diferentes maneiras às particularidades visuais, relacionando-as entre si”, para que assim, desenvolvam-se situações em que a criança experimente a estesia na elaboração do conhecer Artes.

No entanto, mesmo não tendo formação específica em Artes, o pedagogo é o profissional que a utiliza na sua prática. Desde a educação infantil é possível ver aulas planejadas a partir das diferentes linguagens artísticas. Também observar-se como a metodologia utilizada carrega as atividades que possibilitam ao aluno ter experiências estéticas e que explorem a criatividade. A música, a dança, o teatro e as artes visuais estão presentes de maneira incisiva na educação infantil, afinal, não se pode pensar em uma classe

de alfabetização que não tenha algum desses em sua rotina, seja por intermédio das cantigas de roda ou musicalização infantil, de dramatização e teatro com fantoches, performances teatrais com os alunos e o uso de imagens para contação de histórias em diferentes situações.

Dessa forma, é fundamental que o professor desenvolva atividades que estimulem o aluno a interagir com as manifestações artísticas, não só na educação infantil e alfabetização, mas que se estenda por todo o ensino fundamental menor. Ainda, é importante articular de maneira interdisciplinar o ensino, usando a arte como ponte para o fazer pedagógico, mas sem torná-la uma mera atividade, e sim explorando seu potencial enquanto área de conhecimento, para que haja a integração de saberes e uma aprendizagem significativa. Com isso, é certo que o professor tenha um papel tanto de mediador como de curador. O professor mediador é aquele que conduz uma conversa, que provoca olhares, pensamentos e que promove encontros entre a arte e os alunos. O professor curador seleciona e pensa possíveis conceitos a serem explorados com os alunos. A união da ação mediadora e da linha curatorial pode ativar culturalmente uma obra de arte. Para que o professor tenha sucesso nestas duas funções, hoje solicitadas no ensino de arte, pensar seu repertório cultural e didático é fundamental (UTUARI, 2016, p. 54-55).

Diante disso, percebe-se a necessidade de um profissional que desenvolva um trabalho no qual alie a mediação entre a arte e o aluno, explorando as potencialidades existentes numa manifestação artística. Para isso, é preciso que esse educador reflita sobre suas próprias vivências artísticas se questionando: “será que possuo experiências significativas e bagagem cultural para oferecer ao aluno experiências estéticas que tenham significado?” A qualidade do conteúdo a ser trabalhado a partir das Artes terá maior influência se proporcionar conhecimento, levando o discente a sentir e ver o mundo por olhares diferentes.

Segundo Martins (2011, p. 313), o termo curador vem do latim “*curator*” e significa “tutor, ou seja, aquele que tem uma administração a seu cuidado, sob sua responsabilidade”. A figura do curador apresenta outro papel a ser desempenhado pelo professor dos anos iniciais, sendo que o docente é o responsável pela escolha das obras e toda ambientação para a exposição, dando um caráter educativo em que haja o envolvimento do aluno com a própria arte e o despertar dos sentidos. Assim como um curador de arte, o professor deve intermediar o envolvimento do aluno com as obras, levando-o ao envolvimento com a obra, que passe pelo corpo e mente suscitando reflexões e sensações sobre a leitura daquela obra.

O docente além de mediar a relação da arte com as crianças, pode propor situações em que ela seja um convite à experimentação e criação.

O professor propositor criará percursos de aprendizagem, que serão percorridos em conjunto. As experiências serão compartilhadas, assim como acontece com as proposições artísticas, em que somos convidados a construir e compartilhar experiências. A tarefa do professor propositor não é “dar aulas”, mas provocar encontros produtivos entre arte, cultura, conhecimentos e sujeitos “aprendentes”, sendo, ele mesmo, um deles (HOFSTAEER, 2017, p. 2083).

É interessante que o docente crie situações em que a criança sinta-se provocada a experimentar diferentes sensações, que a levem à construção do conhecimento sobre artes e também a analisar temáticas que estão contidas em uma manifestação artística. Para isso, é essencial um bom planejamento na escolha e nas possíveis visões que podem ser direcionadas em uma aula de artes ou com arte.

A ideia de um professor propositor é apresentada pelas autoras Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque no período em que elas coordenaram a criação dos materiais educativos para os professores propositores. Esses materiais são cadernos que acompanham os DVDs da DVDteca Arte na Escola. As autoras apresentam a ideia inspirada na concepção de arte de Lygia Clark que coloca em questão o próprio processo criativo e o acesso às produções artísticas. Martins e Picosque desenvolveram o conceito que dá ao docente de Artes uma nova característica, na qual se espera uma postura provocadora diante do mundo, e acima de tudo, aproximar a arte dos alunos (CLARK, 1964, p. 143-158 apud UTARI, 2016).

Ao se pensar na disciplina Artes, um dos temas que gera debate está relacionado a metodologias utilizadas com as classes dos anos iniciais. Como trabalhar os conteúdos que se estabelecem no currículo de maneira a não transformar a disciplina em apenas apresentações nas datas comemorativas e atividades desinteressantes principalmente para as classes de terceiro a quinto ano, além de dar-lhe um caráter simplista e de complementação de carga horária?

O fazer pedagógico na disciplina de Artes, para o profissional de pedagogia, torna-se um desafio, pois muitas vezes é preciso sair de sua área de conforto, uma vez que exige-se dele pesquisa, estudo e criatividade, porque quando não se vê significado para uma ação, tão pouco haverá empenho. O primeiro passo para qualidade nas aulas é acreditar que o conhecimento a ser construído é válido para formação humana, como observa Barbosa (1989, p. 178), ao afirmar que “a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Ideias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão em que não haja influências ou seja isolada”.

Compreender que Artes é uma área de conhecimento e que se relaciona com outros conhecimentos cientificamente reconhecidos é importante para entender a contribuição que ela pode ter no processo de aprendizagem dos alunos, sem que seja inferiorizada enquanto disciplina ou seus conteúdos reduzidos a passatempos, mas aliada a outros saberes, favorecendo o desenvolvimento cognitivo e a formação social do discente.

Ao se pensar em metodologias para o ensino artístico é fundamental que o professor esteja em consonância com as diretrizes estabelecidas pela BNCC (2018), e também ter em mente as concepções de Arte que melhor podem ser desenvolvidas com a classe. A inserção de conceitos e temas que fazem parte do currículo e das demandas presentes na sociedade como multiculturalismo, pluralidade cultural, produção artística contemporânea, diversidade, inclusão e etc., podem enriquecer a construção do conhecimento.

Para tanto, é interessante que o pedagogo seja capaz de organizar um trabalho que se fundamente em práticas que façam o aluno entender o significado da arte, por meio de experiências que explorem as sensações, que é o caminho para o desenvolvimento da percepção, e o trabalhar do próprio corpo no movimento do conhecer arte, para que assim se promova vivências significativas com desenvolvimento de técnicas e da representação imaginativa e expressiva do aluno (BEDIN; VIEIRA, 2013). Diante da necessidade de uma leitura reflexiva e crítica das manifestações artísticas e também de uma visão diferenciada do ensino de artes, iniciou-se uma busca de metodologias e práticas que contribuíssem para a construção do conhecimento, da percepção, da imaginação e de um olhar crítico sobre o mundo, e que fossem estimuladas por meio do contato com as artes para o estudante e, sobretudo, para o professor.

2.3 Proposta triangular no processo de ensino/aprendizagem de artes

Na década de 90, a partir dos estudos feitos por Ana Mae Barbosa, é sistematizada a Proposta Triangular, pautada em ações baseadas sobre ler, fazer e contextualizar, que torna-se uma orientação para que o professor, ao ensinar artes, encontre possibilidades metodológicas que possibilitem conhecimento significativo, colaborando para o desenvolvimento do sujeito. Para Barbosa (1998, p. 33),

foi no esforço dialogal entre o discurso pós-moderno global e o processo consciente de diferenciação cultural também pós-moderno que, no ensino da arte, surgiu a abordagem que ficou conhecida no Brasil como Metodologia Triangular, uma designação infeliz, mas uma ação reconstrutora. Sistematizada no Museu de Arte Contemporânea da USP (87/93), a

Triangulação Pós-Colonialista do Ensino da Arte no Brasil foi apelidada de "metodologia" pelos professores.

Para a autora, esse infeliz equívoco de ser comparada a uma metodologia limitava a real compreensão do que seria o ensino de Artes a partir da visão que foi estabelecida com a proposta triangular, e que se distanciava das ações metodológicas utilizadas por professores como caminhos para aprendizagem, sendo utilizadas em sala de aula. No entanto, mesmo sendo nomeada como metodologia triangular, tratava-se de novos paradigmas para o processo de ensino-aprendizagem de Artes. Por isso, Barbosa (1998, p. 33) afirma que “hoje, depois de anos de experimentação, estou convencida de que metodologia é construção de cada professor em sua sala de aula e gostaria de ver a expressão Proposta Triangular substituir a prepotente designação Metodologia Triangular”.

Diante disso, a proposta triangular busca instrumentalizar o aluno, valorizando o objetivo fundamental da educação atual que é a leitura e a alfabetização, mas também pautando suas ações na liberdade que cada professor tem para desenvolver seu trabalho expandindo-o de maneira a proporcionar à criança a construção de novos conhecimentos a partir do contato com as diferentes linguagens artísticas. Nesse sentido, Rizz e Silva (2017, p. 223) afirmam,

a abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais se apresenta como orientação sistematizada por meio das ações decorrentes do Ler-Fazer-Contextualizar. A partir desta orientação sistematizada o educador/professor desenvolve seu método, respeitando o encaixe das relações educador-educando-espaco educativo- comunidade, objetivando serem essas relações mais horizontalizadas, buscando coerência ao contexto e ao conteúdo que pretende abordar.

Portanto, a proposta triangular apresenta ações como: o fazer, a leitura e a contextualização e componentes curriculares. Nesse sentido, Barbosa (1998, p. 38).afirma que, “é através da contextualização que se pode praticar uma educação em direção à multiculturalidade e à ecologia, valores curriculares que definem a pedagogia pós-moderna”. Em contrapartida, Lopes (2015, p. 64) declara que “o eixo contextualizar (História da Arte) está relacionado aos estudos atribuídos à História da Arte que contribuem para o entendimento de que a Arte se dá num contexto, num tempo e num espaço onde se situam as obras de Arte”. É necessário, além dos conhecimentos relacionados à obra a ser apreciada, saberes de diferentes áreas e a relação sobre a arte, cultura e política. Já em relação ao eixo leitura, para Barbosa (1998, p. 40),

é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica, nunca a redução dos alunos a receptáculos das informações do professor, por

mais inteligentes que elas sejam. A educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma educação bancária.

Na construção desse novo olhar sobre o ensino de Arte, o aluno é colocado como autor na construção de seus conhecimentos, tornando-se capaz de, a partir de seus questionamentos, avançar em direção a novas descobertas no processo de reflexão. Lopes (2015, p. 63) acrescenta que o eixo Ler (Leitura de Imagem) “está direcionado na análise e leitura de obras de Arte, procurando desenvolver a habilidade de ver e descobrir nas obras de Arte e do mundo visual que rodeia o estudante”. Assim, é preciso mais do que um simples olhar, mas conhecimentos relativos à história e à cultura e também de sensibilidade no observar e no sentir das experiências estéticas que devem ser estimuladas. Por fim, o eixo fazer está relacionado ao ato de criar e experimentar, tornando-se relevante incentivar a criatividade e imaginação do aluno. Assim Lopes (2015, p. 66) apresenta o eixo “fazer” como momento

de transluzir a subjetividade dos estudantes, pois tem por finalidade a realização de ações educativas, que corroborem com o desenvolvimento de aprendizagens decorrentes do fazer artístico articulado com a capacidade de produzir leituras de imagens artísticas, bem como outras imagens da realidade dos estudantes, as relações conceituais e produção de formas artísticas. Este eixo refere-se à realização da produção artística, por meio da dança, música, pintura, desenho, escultura, entre outras, como produzir um texto dando forma a uma ideia ou com a experiência da leitura de uma obra de arte subjetivamente derivada deste encontro, tornando-a significativa para o estudante.

A proposta triangular apresenta uma forma diferente de olhar o ensino de artes mediante a sistematização dos três eixos importantes para se alcançar seu objetivo primordial que é colaborar para a formação crítica do aluno. Nesse sentido, essa abordagem traz para os professores possibilidades de realizarem aulas que colaborem para o desenvolvimento cognitivo da criança, sem desprezar a sensibilidade, além de, pela releitura de obras, buscar a ampliação nesse processo se distanciando das cópias, amparando-se em aspectos da história da arte e do exercício da reflexão que devem ser estimulados.

Barbosa (1998, p. 14), apresenta a relevância da cultura no processo artístico e na formação do aluno, uma vez que, a identidade cultural precisa ser o interesse central, e também relaciona-se à capacidade de reconhecer a si próprio, ou, finalmente, uma necessidade básica de sobrevivência e de construção de sua própria realidade, sendo necessário que a escola forneça um conhecimento sobre a cultura local e de vários grupos que caracterizam a nação e outras culturas. A autora indica ainda que,

a arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 1998, p. 16).

Portanto, a cultura aliada à arte transforma-se em um importante instrumento para o desenvolvimento da criança, pois o conhecimento das expressões culturais da sua comunidade contribui para que ela se reconheça como parte integrante de seu povo, valorizando seus costumes e valores, sem, no entanto, menosprezá-los, como ainda acontece com culturas de grupos sociais minoritários. Como a autora afirma,

não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte. Sem conhecer as artes de uma sociedade, só podemos ter conhecimento parcial de sua cultura. Aqueles que estão engajados na tarefa vital de fundar a identificação cultural não podem alcançar um resultado significativo sem o conhecimento das artes. Através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc. não podem dizer porque elas usam outros tipos de linguagem, a discursiva e a científica, que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais. Dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos (BARBOSA, 1998, p. 16).

Assim, é possível perceber que arte não deve ser vista como um simples passatempo, ou que as aulas de Artes servem apenas para completar a carga horária. Pelo acesso às manifestações artísticas a criança é estimulada a imaginar, criar, pensar, questionar e problematizar. A capacidade de aprender faz parte da essência humana “não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” (FREIRE, 1996, p. 28). Portanto, é preciso um olhar sensível sobre o mundo que se apresenta, pois sem essa percepção, não é possível intervir na realidade ao nosso redor.

2.4 Contribuição da arte para a educação

A arte pode contribuir de diferentes maneiras para a formação da criança. Dessa forma, Eisner (2008, p. 10) apresenta algumas contribuições da arte para a educação. Segundo o autor, as Artes podem favorecer os meios e os fins educacionais. Ele apresenta contribuições que o campo das Artes pode proporcionar ao processo de ensino-aprendizagem, uma delas seria o estímulo ao aluno pela observação para ele desenvolver a percepção das estruturas e questionamentos que surgirão no processo.

Diante disso, pode-se observar que, em uma obra de arte, os detalhes são importantes, que mesmo não havendo regras que determinem como observar uma obra, os alunos podem prestar atenção nas nuances, confiar em seus sentimentos, fazer escolhas e revê-las quando necessário. Nesse processo há uma integração entre sentimento e o pensamento, o que, para o autor, é algo inseparável e também refina todo o processo de criação, podendo se expandir para diferentes áreas da vida do aluno.

Sabe-se que, para que uma aula aconteça, o professor primeiramente faz seu planejamento no qual estabelece previsões de conteúdos e atividades a serem desenvolvidas e controladas por ele. Nesse processo, o docente espera manter uma previsão de como será sua aula e as possíveis interferências que podem acontecer durante sua realização. No entanto, para Eisner (2008, p. 11) é preciso abrir-se às incertezas que muitas das vezes encontram-se fora do nosso controle, uma vez que, em uma composição artística surgem ações fora do previsto que exigem uma abertura para a exploração e a surpresa.

Nesse sentido, o autor deixa um questionamento pertinente aos professores: “como podemos ajudar os nossos estudantes a ver o seu trabalho enquanto feitos temporários experimentais, lugares de descanso temporário sujeitos a futuras mudanças? Como podemos ajudá-los a trabalhar à margem da incompetência?” Dessa maneira, a arte direciona o trabalho em uma dinâmica que reconhece a necessidade da incerteza, da surpresa da continuação e transformação, indo de encontro à perspectiva de uma educação respaldada unicamente no certo e errado, direcionando a diferentes soluções para um único problema.

Outra contribuição da Arte para o âmbito educacional, está em perceber a importância da forma e do conteúdo e que eles são inseparáveis. Essa descoberta é uma das lições mais ensinadas, pois para compreender algo, é preciso observar atentamente a sua forma e a seu conteúdo de maneira complementar, para então, chegar ao real significado das coisas, já que, uma palavra dita é apenas uma parte da mensagem a ser passada, mas que, ao nos atentarmos ao conjunto apresentado, podemos de fato entender aquilo que está sendo apresentado. O nosso conhecimento não se limita à nossa linguagem. A ciência declara significados, no entanto, as artes os expressam, pois o significado não está limitado àquilo que pode ser afirmado. Nesse sentido, Eisner (2008, p. 12-13) afirma que,

na prática, é óbvio para toda a gente que nós recorremos a uma forma expressiva de dizer aquilo que a linguagem literal nunca poderia dizer. Nós construímos santuários para exprimir a nossa gratidão para com os heróis do 11 de Setembro porque, de alguma forma, achamos as nossas palavras inadequadas. Nós recorremos à poesia quando enterramos e quando casamos. Nós estabelecemos as nossas práticas religiosas mais profundas dentro de composições que nós coreografamos. O que é que a nossa

necessidade de tais práticas nos diz sobre as origens do nosso conhecimento e o que significam para a forma como educamos? Num tempo em que parecemos querer empacotar a performance em grupos padronizados limitados de capacidades, questões como estas parecem-me ser especialmente importantes. Quanto mais sentirmos a pressão para padronizar, mais necessidade temos de nos lembrar daquilo que não devemos padronizar.

Assim, a arte nos apresenta uma lição, a de que não se pode limitar o conhecimento do aluno apenas na sua capacidade de articular as ideias por meio da linguagem, pois a comunicação se dá por diferentes fontes e não se limita apenas à capacidade da fala, mas que pode ser expressa de diferentes maneiras e que deve ser valorizada em todo o processo de ensino-aprendizagem.

Outra lição que se pode aprender com as artes sobre a prática da educação está na relação entre o pensamento e o material com que se trabalha. Nas artes está claro que, para um trabalho ser criado, tem-se que pensar nas restrições e despesas do meio que se escolhe usar. Assim, novas possibilidades para questões de representação estimulam as nossas capacidades imaginativas e podem gerar formas de experiências que, de outra forma, não existiriam. Nesse sentido, o exercício do pensar em soluções para o uso de materiais diversos, pode levar ao desenvolvimento das mentes que podem ser influenciadas pelas oportunidades de aprender a partir do que a escola fornece.

Diante disso, Eisner (2008, p. 15) vê nas Artes o potencial para trazer novos ideais à educação, pois necessita-se de habilidades para a vida que requer cada vez mais a capacidade para tratar mensagens conflituosas, de fazer juízo na ausência de regras, de lidar com a ambiguidade e de fabricar soluções imaginativas para os problemas que são encontrados. É necessária a capacidade de prever novas opções e também de ter um toque pelas situações em que elas aparecem. Assim, as formas de pensar que as artes estimulam e desenvolvem são mais adequadas para o mundo real em que vivemos.

3 ATELIÊ: SABERES EM CONSTRUÇÃO

O processo de criação artística refere-se a um fazer que materializa ideias, sentimentos e representações em processos, e todo artista precisa de seu espaço para criar, transformar e experimentar. Esse ambiente é formado com diferentes materiais que possibilitam uma diversidade de produções resultantes do olhar sensível do seu criador. Nesse sentido,

O espaço do ateliê se constitui como um lugar de inscrição simbólica possível, produtor de um espaço potencialmente criador entre eu e o outro. A criação artística aparece como possibilidade de elaboração de algo vivido, que permite ao sujeito ator estabelecer novas possibilidades de compreensão acerca do fato que está tomado como objeto de sua reflexão (DIEHL; AMBRÓS; PEREIRA, 2013, p. 04).

Esse ambiente pode ser chamado de lugar de transformação, pois ele é um convite constante ao ato de pensar e criar. E com os materiais ali encontrados, o sujeito passa a atribuir funções e significados diferentes às suas produções. O ateliê se mostra como lugar de criação estabelecido pelos artistas, e se constitui, ainda, como espaço de arte em diferentes áreas do conhecimento. Sua importância se dá pelas experiências que podem ser vivenciadas no campo das Artes por intermédio da fruição, estesia, expressão e reflexão. Essas dimensões são importantes para o desenvolvimento humano, como afirma a BNCC (2018). Nessa perspectiva, observa-se a funcionalidade desse espaço nas escolas, como afirma Ronconi (2012, p. 61),

ao organizar e dar sentido às experiências vividas pelas crianças em seu dia-a-dia, tendo as imagens como fio condutor do processo, a experiência integradora do ateliê de artes reúne as competências opostas-complementares que constituem a inteligência complexa do humano. Dessa perspectiva, o ateliê de artes funciona como contraponto e contrapeso, instalados na subjetividade da criança, para a experiência com as provações da realidade, entre elas aquelas propostas pela escola formal que privilegia os educandos que se enquadram nos parâmetros do paradigma clássico-científico, em detrimento dos que não são redutíveis a esses mesmos parâmetros.

Dessa forma, pode-se contribuir para uma educação que trabalhe o sujeito como um todo, observando-o como um ser formado por complexa subjetividade, que precisa ser desenvolvida e não esquecida. Por isso, o ateliê pode ser considerado como um espaço necessário para o desenvolvimento humano, já que a arte desenvolve no sujeito conhecimentos relacionados aos aspectos cognitivos e também à própria sensibilidade. O ateliê se faz um ambiente propício para despertar os sentidos mediante suas proposições, pois é um convite à investigação e à exploração. No entanto, percebe-se a relevância de um olhar

atento do professor às linguagens que se apresentam no cotidiano escolar, que podem apresentar-se por metáforas.

Diante disso, o professor necessita, além de conhecimento, de sensibilidade, e principalmente de lidar com a materialidade. O ateliê é o local onde se tem recursos materiais e liberdade para se construir novos significados e sentidos por meio da curiosidade. Desse modo, Diehl, Ambrós e Pereira (2013, p. 02) afirmam:

um ateliê de criação artística é um espaço onde o passado e o futuro são esculpidos através da arte, e é através desta criação que os sujeitos vão produzindo inscrições e elaborando os seus medos, angústias e sofrimentos. O ato de criação também coloca o sujeito em posição de interrogação, em uma posição onde ele pode construir um lugar de enunciação e se torna imprescindível que se respeite as condições para a existência deste ato.

O ateliê pode oferecer uma riqueza de possibilidades aos ambientes educacionais, um despertar a partir de vivências carregadas de poesia, criatividade e imaginação, que abre as portas para um mundo novo, que muitas vezes já faz parte do nosso próprio ser. Experiências assim podem fazer parte do cotidiano escolar, pois “a arte é, em si, um campo de experiências único, um continente de possibilidades no qual toda pessoa pode exercitar-se como todo e parte, indivíduo e coletivo, gerando significado e subjetividade em meio à materialidade do mundo” (RONCONI, 2012, p. 61).

Esse ambiente deve ser visto como um espaço em que o aluno é convidado a pensar, a se expressar, a produzir e a inventar, dando liberdade à sua criatividade utilizando suas mãos e inteligência. Esse espaço possibilita “muito mais que simplesmente a oferta dos materiais, o ateliê trouxe a possibilidade de observação e reflexão sobre os processos e caminhos percorridos pela criança na construção de sua identidade, de seu conhecimento” (PRADO; MIGUEL, 2013, p. 7).

Em uma escola de educação básica dos anos iniciais, o ateliê é tão importante quanto um laboratório de informática e uma sala de leitura, que seria mais uma ferramenta para o desenvolvimento pedagógico dos alunos, pois as crianças poderiam manipular diferentes materiais e concretizar suas fantasias. Nesse processo, elas criam questionamentos e, mediante a exploração e criação, há a reflexão em busca da solução para a problemática, permitindo ao aluno ser protagonista na construção do seu conhecimento.

O ateliê de arte também proporciona elementos importantes para pesquisar e verificar o desenvolvimento das crianças, uma vez que o próprio ambiente é um estimulador das linguagens artísticas, permitindo às crianças manifestarem-se livremente. Segundo Ronconi (2012, p. 72),

no ateliê, o imaginário ao qual também podemos chamar “inconsciente” é a fonte onde a consciência busca conteúdos para renovar-se e se ampliar. Nesse infinito acervo de imagens coletivas, todos os aspectos da experiência humana estão simultaneamente presentes, são contemplados e emergem, representados pelas imagens, respeitando-se a maturidade e o momento de vida de cada um.

Diante dessa perspectiva, pode-se afirmar que o ateliê é um espaço formador de experiências, conhecimentos, ideias e sentimentos que são compartilhados por todos os envolvidos, possibilitando a experimentação de uma grande diversidade de sensações, criações e impressões. Esse ambiente pode ser ainda,

um espaço planejado para proporcionar e favorecer relacionamentos entre docentes, crianças e, inclusive com os pais, para se trabalhar em grupo, pesquisar, descobrir coisas novas, oportunizar o intercâmbio social, a comunicação e a cooperação para que, coletivamente, as crianças construam seu conhecimento de mundo (SANTOS; ZUCOLOTTI; RODRIGUES, 2018, p. 126-127).

Além disso, o ateliê oportuniza situações que contribuem para que o aluno desenvolva sua autonomia em diferentes áreas de sua vida. Isso acontece por meio dos diálogos e da interação com outros, do contato com a cultura, observando o sujeito enquanto ser integral, criando situações que favoreçam seu desenvolvimento cognitivo e sua sensibilidade, para que assim, caminhe na construção de seu conhecimento. Assim, o ateliê pode ser considerado

uma oficina para as ideias das crianças se manifestarem com o uso de materiais diversos, os materiais como linguagem para expressar e comunicar, fazendo parte do processo de aprendizagem, permitindo que a criança crie de maneira inesperada, com possibilidades ilimitadas, afinal a criação das crianças podem expressar seu conhecimento sobre o que está sendo explorado nos projetos em sala de aula (MARAFON; MENEZES, 2017, p. 5998).

Portanto, é imprescindível o incentivo à criatividade do aluno. Essa criatividade muitas das vezes é limitada na própria escola, devido a uma visão estereotipada da educação, que se limita aos conhecimentos pragmáticos, não permitindo aos sujeitos interagir com o mundo a partir de uma percepção sensível. Barbieri (2012, p. 37) afirma que,

todos nós temos experiências estéticas desde que nascemos, porque elas se relacionam com a estrutura que vai se criando, tanto em nosso pensamento como em nossa percepção. Fazem parte da experiência estética: cheiros, gostos, sons, temperaturas, texturas, imagens. [...] tudo que vivemos, tudo pelo que passamos, de alguma forma vai contribuindo para esse manancial de possibilidades que nós somos.

Sabe-se que a criança tem a necessidade de registrar sua percepção do ambiente à sua volta, sendo assim, é preciso possibilitar atividades que se distanciem de modelos estereotipados socialmente, para permitir à criança vivências e experimentações frutos de suas descobertas em sua relação com o mundo (SILVA, 2015). Portanto, ao se pensar em um ateliê como espaço educacional, deve-se ter uma percepção da escola como “grande laboratório, oficina das ideias e de práticas educativas, que acolhe e amplifica as abordagens e os olhares criativos de adultos e crianças” (SANTOS; ZUCOLOTTI; RODRIGUES, 2018, p. 05), fazendo desse ambiente um lugar propício ao despertar da curiosidade e da autonomia do aluno. Santos, Zucolotto e Rodrigues (2018, p. 04) afirmam que,

considerado como um agente transformador das práticas educativas, o ateliê configura-se como um espaço de possibilidades, de criatividade, autonomia, de descobertas e ludicidade que possui variedades de materiais como, por exemplo, elementos da natureza e materiais recicláveis.

O trabalho em ateliês torna-se uma atividade que contribui também na educação ambiental, já que, muitos materiais que podem ser utilizados são retirados da natureza, assim como, objetos recicláveis que ganham novos usos e significados, criando no aluno a percepção da transformação das coisas em um processo de reflexão e criação. Assim, Camargo (2011, p. 7-8) afirma: “de um modo geral, um ateliê de arte pode ser considerado símbolo do fazer artístico. Um espaço de registro criador, experimentação de arte, síntese elaborativa do conhecimento e de despertar de saberes e produções, um lugar de introspecção e extroversão”.

Portanto, um espaço como esse tem como função central oportunizar vivências que levem o seu usuário a sentir, mas não em uma perspectiva de separar emoção e raciocínio, pois, entende-se a relevância de uma harmonia entre o homem e as dimensões que o formam, pois, o que é o ser humano senão corpo, alma e um conjunto de emoções, sentimentos e sensações que refletem no pensar e no agir. O contato com experiências estéticas podem proporcionar o equilíbrio entre razão e emoção, pois como Feldman (2013, p. 13) observa, “o belo não nos obriga a ignorar nossa inteligência – ainda que suspendamos nossas opiniões por um instante – mas nos faz colocá-la para dialogar com nossas emoções.”

Ao se pensar em uma educação por meio da arte, é necessário perceber a importância de estimular a criança à imaginação e à fantasia, pois essas estão ligadas ao nosso próprio sentir. Pode-se perceber como um filme ou uma música consegue nos envolver de tal maneira que expressamos alegria, tristeza, ansiedade, choro, riso, empatia, dentre outros. Muitos são os sentimentos que são despertados por uma simples canção, e que também levam o seu

ouvinte a pensar e a refletir a partir daquela composição. Assim, compreendemos a afirmação de Feldman (2013), em dizer que a “experiência estética é toque”, pois esse tocar gera emoção.

Portanto, é importante que as instituições educacionais valorizem o ensino de artes e proporcionem vivências significativas para as crianças a partir dos primeiros anos. No entanto, que não encerrem seu mundo lúdico na educação infantil, mas o transforme como o início de uma caminhada a ser trilhada e explorada, não só pelos alunos, mas também pelos professores, que busquem na Arte não um passatempo e sim conhecimentos que gerem desenvolvimento cognitivo e emocional. Assim “a escola é um ambiente que permite ao aluno compreender a arte como sendo uma forma de expressão do seu universo: a arte infantil é fruto das vivências infantis, já a arte do adulto é fruto da relação e compreensão que ele possui de todo o meio que o circula” (BIESDORF; WANDSCHEER, 2011, p. 09).

Nessa perspectiva, reafirmamos a importância de um ensino de Artes alicerçado nas experiências em ateliês na escola, pois, entendemos que esse espaço pode ser visto como um laboratório no qual seus experimentos concentram-se em explorar sensações e emoções. Portanto, “compreendendo a educação como algo lúdico e estético, permitiremos aos nossos educandos um maior contato consigo mesmos. Permitiremos que desenvolvam e eduquem seus sentimentos, ao invés de, simplesmente, contê-los” (FELDMAN, 2013, p. 19). Espera-se que experimentações significativas aconteçam nesses espaços de Arte nas escolas, para isso, concorda-se com o autor citado de que é necessário investir numa educação estética, que seja conectada aos sentimentos e aos processos de conhecimentos.

Entretanto, não se pode perder de vista que o papel da educação pela Arte é trabalhar no sentido da ampliação da vivência da criança, visando ricas oportunidades a sua atividade criadora. Assim, entende-se que “o ensino de artes na educação básica é necessário para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, criativa e crítica do aluno, bem como para despertar nele saberes sensíveis para com a sociedade em que vive” (BIESDORF; WANDSCHEER, 2011, p. 07).

Nessa perspectiva, a construção de conhecimentos é um processo que caminha junto às experiências que fazem parte da vida humana. Faz-se importante alimentar as crianças com vivências que as aproximem da Arte, para que assim, mediante um repertório criado pelos seus sentidos, sejam capazes de mergulhar no mundo da criação, estando apta a fazer do produto criativo sua própria linguagem, expressão do seu ser. O Ateliê passa a ser um espaço no qual muitas possibilidades podem ser criadas para que os alunos se alimentem e se inspirem com aproximação da Arte, afinal, todos devem ter acesso às manifestações artísticas,

sejam elas as populares que fazem parte do cotidiano, como também aquelas que só podem ser encontradas em museus e exposições, muitas vezes distantes da realidade de grande parte da população. Hoje, a escola pode promover essa aproximação. Muitos museus têm seu acervo em páginas eletrônicas, o que possibilita passear e conhecer exposições até mesmo fora do país, sem sair de casa ou da escola.

É papel da educação viabilizar o acesso ao conhecimento. Para isso, deve proporcionar aos alunos conhecer sua cultura, saberes, artes e tudo que faz parte da construção de seu povo, para que, a partir disso, a criança tenha um olhar apto a valorizar não só sua cultura, mas possa ver o mundo a partir de uma visão racional e sensível. Assim, o ateliê pode ser um grande aliado às aulas de Artes, como espaço gerador de criatividade, imaginação e um motivador aos processos do pensar. Espera-se que nesse ambiente haja uma prática que respeite a liberdade e autonomia do aluno em suas diferentes expressões artísticas.

4 PERSPECTIVAS SOBRE EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS PARA CRIANÇAS

O trabalho com Arte na infância é uma oportunidade que possibilita à criança novas descobertas sobre o seu potencial de criação, imaginação e a construção de conhecimentos. Assim, torna-se pertinente a afirmação de Barbieri (2012, p. 18-19) em dizer que ao “favorecer o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção estéticas, o ensino da Arte na educação infantil proporciona às crianças que leiam e interpretem do seu jeito o mundo que as rodeia e, assim, se transformem e o transformem”. Esse abrir de olhos que a Arte proporciona à criança contribui para uma releitura do ambiente à sua volta e, portanto, é um convite para uma transformação que se inicia a partir do aluno estendendo-se à sua realidade.

A forma de usufruir das vivências que temos é estar atento para o que cada situação nos fala, permitindo que a experiência enriqueça nosso olhar, nossa história e nossa comunidade. Passar a vida fazendo de tudo, sem deixar que experiências de fato aconteçam, não permite que nos transformemos, tampouco mexe com nossas sensações, reflexões, ideias e conceitos. Isso só acontece quando temos abertura para observar, sentir e pensar o mundo. A arte pode nos ajudar neste sentido, nos fazendo olhar a realidade de outras formas (BARBIERI, 2012, p. 33).

Dessa forma, é necessário promover diferentes experimentações artísticas, diante do potencial existente na arte. Por isso, sugere-se que nas aulas de Artes, o aluno tenha contato com experiências estéticas que desenvolvam a sensibilidade e a compreensão e o professor poderá oferecer vivências estéticas encontradas no fazer artístico e em simples atividades cotidianas. Ferraz e Fusari (2010) exemplificam essas sensações despertadas como o ouvir o canto de um pássaro, o observar o nascer do sol, ou o admirar o voo das borboletas, que remete à graciosidade de uma dança. Em todas essas atividades desenvolvem-se conhecimentos sonoros, visuais, movimento, ritmo dentre outros.

Nessa perspectiva, compreende-se a relevância de proporcionar um ambiente rico de possibilidades, em que a criança encontre elementos que estimulem seus sentidos e sua imaginação, para assim, aumentar seu repertório de experiências que contribuirão ao desenvolvimento da imaginação e da criatividade, pois, o ambiente deve ser um convite constante à criança criar sempre mais. Por isso, reafirma-se a relevância de um ateliê na escola, por esse local ser um “convite a interações, envolvendo a mente, as mãos, a imaginação e os sentidos. É um ambiente que oferece às crianças: materiais, instrumentos e técnicas de qualidade que se traduzem em numerosas possibilidades para experiências” (SCHWALL, 2012, p. 35 apud FELDMAN, 2013, p. 38).

Diante disso, é necessário proporcionar experimentações artísticas para o desenvolvimento infantil, e para isso, sugerindo-se como primeira interação, a experiência artística desenvolvida pela professora pesquisadora Luisa Ferreira Guzi que realizou, no ano de 2019, uma atividade com o objetivo de averiguar o uso da fotografia como exploração artística durante as aulas de Artes. Tendo ciência da popularização dos *smartphones* com câmera fotográfica, tornou-se necessário aprender a usar esse instrumento, tanto no seu aspecto técnico quanto no educativo. Dessa forma Guzi (2019, p. 02) afirma que,

as escolas estão cada vez mais engajadas no uso de tecnologias educacionais, mas nem sempre tal função básica de smartphones e tablets é levada em consideração nas atividades educativas. O ensino de Arte não pode se limitar a princípios estéticos das belas-artes; além de trabalhar com linguagens e obras contemporâneas, aquele que é arte-educador precisa se preocupar com o modo que o seu aluno interage com as artes.

Percebendo a necessidade de integrar a escola ao uso das tecnologias, a autora então desenvolve essas atividades em oito aulas para a criação de cinco trabalhos pequenos e um trabalho maior que seria a culminância. As atividades menores eram experimentações semanais relativas a aspectos visuais ou técnicos da fotografia. Uma atividade era focada em composição visual, outra usando luz artificial e sombra, outra deveria ser uma foto em preto e branco, uma outra usando edição básica de fotos em relação à saturação de cores e a última com relação à velocidade do obturador e abstração na fotografia. Semanalmente, cada aluno deveria enviar por e-mail suas imagens à professora, já que o trabalho final era um álbum impresso. Essa atividade pode ser realizada com diferentes faixas etárias, desde que o professor adapte-a de acordo com desenvolvimento dos alunos.

Nesse sentido compreendemos que essa interação artística pode ser feita com crianças a partir do primeiro ano, pois sabemos que nessa idade as crianças já são familiarizadas com celular e algumas redes sociais. É uma boa oportunidade para discutir com as crianças o uso das redes de forma adequada e segura. A seguir, são apresentadas fotografias tiradas por alunos em 2019, a Figura 1 tem o tema “saturação feita por aluno”; a Figura 2 tem o tema “preto e branco”.

Figura 1 - Brinquedo em formato de cogumelo posicionado em playground de madeira.



Fonte: Guzi, (2019).

Figura 2 - Conjunto de pincéis desordenados dentro de um pote.



Fonte: Guzi, (2019).

A segunda sugestão traz experiências do Instituto Arte na escola, desenvolvidas pelo professor Paulo Lorenzetti (2015) que criou o projeto “Estudo sobre casas: formas de habitar a arte,” que nasceu em 2010 na Escola Estadual Profa. Diva Gomes do Santos, em Mauá, periferia de São Paulo, como uma tentativa de encontrar caminhos mais significativos de ensinar e aprender arte e envolveu conhecimentos de Biologia, Ciências, História e Matemática.

O projeto aconteceu no decorrer de um ano iniciando-se a partir de um estudo das pequenas casas de insetos e animais presentes no ambiente escolar – vespas (marimbondo e outras), aranha, caracol, caramujo e ninho de passarinho. Para cada casa encontrada,

desenvolvia-se uma série de atividades e pesquisas abordando diversos elementos. Foi realizado o estudo das formas, incluindo as produções de alguns artistas, além disso, discutiu-se de que maneira era feita a casa e como os seres humanos se apropriam desse material para produzir arte.

Esse projeto foi realizado com alunos do primeiro ao quinto ano em parceria com todos os professores. Essas atividades, além trabalhar a produção artística, permite ao professor trabalhar diferentes disciplinas, pois elas agregam diferentes conhecimentos e oportunizam o desenvolvimento da coordenação motora, e ainda proporcionam uma reflexão sobre “casa” como um lugar de pertencimento individual e coletivo, que revela muito daquilo que seus moradores são. As Figuras 03, 04 e 05 a seguir, apresentam imagens de produções do projeto “Estudo sobre casas: formas de habitar a arte”, elaboradas por Lorenzetti (2010).

Figura 03 – Colmeia.



Fonte: Instituto Arte na escola (2010).

Figura 04 - casa de aranha.



Fonte: Instituto Arte na escola (2010).

Figura 05 - Ninho de passarinho.



Fonte: Instituto Arte na escola (2010).

Nessa perspectiva, é possível entender o ateliê como “um agente transformador das práticas educativas [...], um espaço de possibilidades, de criatividade, autonomia, de descobertas e ludicidade” (SANTOS; ZUCOLOTTI; RODRIGUES, 2018, p. 04). Assim, é trazida outra sugestão de criação artística, a *Webzine* “Bora fazer Arte?!” que são vídeos apresentados e publicados em maio de 2020 pela professora Kessia Coutinho do Centro de estudo e pesquisa Ciranda da Arte, produzido pela Secretaria de Estado da Educação de Goiás, apresentando três propostas de interações artísticas, dividido em três episódios, cada um com um tema, dentre eles selecionamos o episódio dois que tem como temática “vitrais”.

Como materiais a serem utilizados é preciso: cola de isopor, tampa de um caixa, um pedaço de acetato, canetinha velha, um desenho que servirá como base para pintura do vitral, régua, palitos para misturar as tintas, álcool 70%, tesoura e potinhos para preparar as tintas. Com o refil das canetinhas e um pouco de álcool vai retirando a tinta das canetas e misturando com um pouco da cola. Em seguida, com o auxílio de uma régua faz-se a medição no centro da tampa da caixa de forma a deixar espaço para que seja colado o desenho feito no acetato que será pintado. O desenho escolhido deve ser passado para o acetato com um marcador ou até mesmo canetinha. Com os palitos aplica-se a tinta e espera secar e depois cola a gravura no centro da caixa vasado.

Essa proposta trará ao aluno conhecimentos históricos, já que, inicialmente o professor apresentará aos discentes informações importantes sobre a criação de vitrais como sua utilização, artistas importantes brasileiros na área e imagens dessas obras, buscando aproximar ao máximo de exemplos no nosso país. É relevante que seja proporcionado às

crianças o conhecimento de diferentes formas e manifestações artísticas, para que assim seja possível a ampliação do repertório artístico visual da criança. A atividade contribui para a leitura das imagens e significados das cores, já que, para esse tipo de Arte, elas trazem em si representações. Além de permitir ao aluno desenvolver uma das competências indicadas pela BNCC (2018) que é utilizar recursos tecnológicos como forma de registro, pesquisa e criação artística.

Entretanto, as linguagens artísticas não se limitam apenas às Artes Visuais, pois a música e a dança também fazem parte desse leque de possibilidades a serem exploradas que contribuem para o desenvolvimento da criança. Embora haja dificuldade para os profissionais que não são especializados nas áreas de música e dança, como os pedagogos, ainda é possível realizar propostas de aulas de Artes explorando essas duas linguagens. Uma atividade possível de realizar é trabalhar o corpo como instrumento de percussão. Nela podem ser explorados mãos e pés de diferentes maneiras para criar uma verdadeira sinfonia.

Em 2017 a revista *Música na Educação Básica* apresenta diversas propostas de trabalho com música que podem ser implementadas e adaptadas à sala de aula, até mesmo por aqueles que não são especialistas na área. O uso do corpo como instrumento é uma estratégia que, além de contribuir para a aprendizagem, é uma metodologia atrativa para o público infantil. Sugere-se, portanto, a proposta de Velozo (2017) de musicalização por meio de canções folclóricas e percussão com o corpo, em que o autor trabalha uma sequência de movimentos com o corpo, o ritmo a partir dos movimentos corporais e a música. Essa proposta pode ser adaptada a crianças de seis anos e aplicada a crianças de faixa etária maiores. Outra sugestão é a realização de jogos de sequência de movimentos, brincadeiras com mímicas, entre outros, que contribuem para o desenvolvimento de noções de ritmo, observação, atenção e socialização. Assim, segundo Moraes (2000, p. 211),

aqueles que se arriscam em trabalhar com a canção popular como fonte documental, também apontam sua suposta condição excessivamente subjetiva como dificuldade adicional. Inicialmente porque a música, além de seu estado de imaterialidade, atinge os sentidos do receptor, estando, portanto, fundamentalmente no universo da sensibilidade. Por tratar-se de um material marcado por objetivos essencialmente estéticos e artísticos, destinado à fruição pessoal e/ou coletiva, a canção também assume inevitavelmente a singularidade e características especiais próprias do autor e de seu universo cultural. Além disso, geralmente uma nova leitura é realizada pelo intérprete/instrumentista. E, finalmente, o receptor faz sua (re)leitura da obra, às vezes trilhando caminhos inesperados para o criador.

O trabalho com música traz, assim, possibilidades variadas de abordagens e construção de conhecimentos, além de desenvolver atividades com técnicas musicais. A

interpretação e contextualização da composição pode ser explorada além de abordar informações históricas para o conhecimento da canção enquanto um documento. Contudo, para um primeiro contato com a música em sala de aula, é interessante começar apreciando-a e sentindo-a, para então aproveitar suas muitas possibilidades de trabalho.

Diferentes disciplinas podem utilizar a música em sua metodologia de ensino, e como linguagem artística, pode-se explorá-la por seu valor estético. O teatro é uma ótima possibilidade para o desenvolvimento de atividades que trabalhem interpretação, atuação e temáticas que estão ligadas diretamente às emoções e levar o aluno a refletir sobre diferentes situações que fazem parte da vida. O teatro de sombras é outra opção para desenvolver na educação infantil, pois o educador pode realizar essa atividade utilizando apenas um lençol. Vieira (2015, p. 03) acredita que,

o teatro de sombras é um modo de fazer teatro que se aproxima muito da fantasia, do imaginário, do faz-de-conta de uma criança. Ver uma sombra como uma imagem sendo desenhada e perceber como ela se cria e conta algo, aguça sensações e a imaginação de quem está fazendo e vendo.

Sendo assim, essa é uma das possibilidades de vivenciar situações que contribuam para um aumento do repertório visual, comunicativo, da percepção e das sensações que farão com que a criança desenvolva um novo olhar sobre o mundo. A imagem 06 a seguir apresenta um teatro de sombras realizado com crianças.

Figura 06 - Sombra e luz: o despertar de sensações nas crianças.



Fonte: Colégio Marista Ipanema (2019).

O processo de criação artística tem reflexos nos estímulos que a criança vai tendo ao longo de sua vida. Assim, o teatro de sombras é uma atividade divertida e que leva o aluno a despertar sua fantasia além de estimular sua imaginação. Araújo e Lourenço (2017) afirmam que, a partir desse processo,

a criança consegue atribuir funções diferentes a um mesmo objeto, dada a sua capacidade imaginativa. Consegue que uma vassoura vire cavalo, ponte, monstro, peça, montanha. Os adultos, acostumados a atribuir um único sentido ao objeto, deixam de exercitar novas significações a estes. A dinâmica escolar, ao propor ações repetitivas, impede que a criança elabore novas relações e funções entre os objetos. Entretanto, em momentos não vigiados pelos adultos, a criança encontra possibilidade para misturar objetos com liberdade. Os artistas vivem frestas de tempo para essas criações com intencionalidade. (ARAÚJO; LOURENÇO, 2017, p. 46-47).

Com isso, acredita-se que as experiências por meio das Artes podem contribuir para o desenvolvimento da criança, e nesse sentido é papel da escola garantir a ampliação da vivência da criança, para proporcionar maior riqueza à sua atividade criadora. Para isso, sugere-se o ateliê como espaço de experiências e vivências, uma vez que a Arte, em suas diferentes manifestações, é capaz de possibilitar à criança se desenvolver no campo emocional, cognitivo e físico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em minhas vivências pessoais, as Artes visuais é algo presente no meu cotidiano, pois em minha casa, tenho o prazer de conviver com Jenifer Yasmin (minha sobrinha), uma adolescente de 14 anos, mas que desde de criança faz da sua vida uma constante exposição artística. Através de seus desenhos, telas e criações artísticas (ver anexos). Posso constatar o quanto o processo criativo contribui para o seu desenvolvimento enquanto pessoa. Pois é possível observar como acontece o processo criativo que se inicia a partir de uma ideia, em seguida a problematização para a concretização do produto. A partir daí inicia-se o processo de busca de soluções para que seja possível a materialização da ideia inicial e finalmente a criação artística. Todo esse processo é repleto de erros, acertos e tentativas, mas, que no final traz um resultado surpreendente.

No decorrer dos estágios de Pedagogia, observei como a Arte enquanto disciplina é desvalorizada, vista como um passa tempo, com o objetivo de completar o horário na sexta feira. Assim, em geral a atividade para os alunos é sempre a pintura de um desenho que o professor já leva pronto e que muitas vezes se cobra do aluno que seja feita a pintura de maneira padronizada indicada pelo professor. Experiências como essa acabam por cercear a criatividade artista da criança, que passa a ver o ato de pintar algo em que não prazer.

Dessa forma fui levada a me questionar como poderia a Arte trazer contribuições para o desenvolvimento dos alunos desde da educação infantil até aqueles do sexto ano, por serem público da minha futura atuação enquanto pedagoga. Pois ao ver a experiência com a Arte nas escolas que passei em meus estágios e as vivências artísticas de Jenifer Yasmin como ela vivencia seu processo de criação artística com prazer, pensei a partir dessa pesquisa de alguma forma contribuir para uma mudança na forma como muitas escolas veem a Arte. Para isso pensei na própria experiência enquanto motivador de todo processo artístico.

Assim espero que essa pesquisa possa trazer contribuições no sentido de pensar a Arte, como uma disciplina com propósito como todas as outras que compõem o currículo escolar. Compreendendo o seu potencial enquanto ciência e suas atribuições enquanto “nascente” de conhecimento. Uso esse termo pois entendo que a disciplina de Artes deve ser vista como um despertar para a curiosidade e motivador para a construção do conhecimento, de crianças de diferentes idades.

Diante disso o estudo bibliográfico permitiu perceber a importância do ateliê de Artes na escola como espaço de materialização e livre expressão das linguagens artísticas, que

proporciona um melhor desenvolvimento das aulas de Artes e sua valorização enquanto disciplina, uma vez que a arte alia diferentes saberes que contribuem para o processo de análise e reflexão da criança enquanto pessoa e propicia a construção de diferentes conhecimentos.

Com isso, a arte por meio do ateliê no processo educacional, permite a construção do conhecimento e o desenvolvimento de aspectos relacionados à expressão do ser e à criatividade da criança, pois seu contato com a arte permite que se desenvolvam cognitivamente e emocionalmente, já que, por meio das sensações que são despertadas quando essa tem contato com uma obra artística, é levada a pensar, a questionar e a problematizar situações que se apresentam.

O ensino de Artes possibilita ainda, o aprimoramento de habilidades corporais, já que, nas atividades com dança, teatro e música, o corpo é o material principal na produção artística. Além de desenvolver a flexibilidade, a resistência, o equilíbrio e a coordenação motora, permite o crescimento saudável do corpo e o aprimoramento das áreas da audição e fala da criança, aumentando seu repertório visual e linguístico. Esses processos de experimentação artística colaboram para o desenvolvimento de habilidades e faz com que o aluno explore sua criatividade, expresse suas ideias, pensamentos e seu olhar sobre o mundo, pois o fazer artístico oferece a oportunidade não só de observar o processo de concepção de uma ideia, mas também, de materializar esse pensamento com as mãos.

Por fim, por meio das atividades colaborativas que são promovidas entre as crianças na produção de Arte, é possível desenvolver a capacidade do trabalho em equipe e aprimoramento das relações sociais necessárias para o desenvolvimento humano. Assim, a arte favorece o desenvolvimento da criança em relação ao emocional e à aprendizagem, agindo nos processos cognitivos, fazendo a criança ter uma melhor percepção da realidade à realidade à sua volta, podendo ser proporcionado aos alunos experiências que produzirão resultados positivos no processo de valorização da cultura local e nacional.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Betânia Libanio Dantas de; LOURENÇO; Érica Aparecida Garrutti de. **As artes e a Educação Infantil na formação de professores**. Clareira Luminosa Arte, curiosidade e imaginação na infância. Ed, Alameda. CONFOR, UNIFESP, 2017. Disponível em: https://operamundi.uol.com.br/uploads/Clareiraluminosa_FINAL-ilovepdf-compressed.pdf. Acesso: 01 jul. 2020.

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** Coleção interações. Coordenação: Josca Ailine Baroukh. São Paulo, Editora Blucher, 2012.

BARBOSA, Ana Mae (org). **Dilemas da arte/educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas**. In: Arte/educação Contemporânea. Consonâncias internacionais. 3ª ed. Ed. Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Arte como cultura e expressão. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte. Ed. C/ Arte. 1998. Disponível: http://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Topicos%20Utopicos%20BARBOSA_A.pdf. Acesso: 18 mar. 2021.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. Tradução: Sofia Fan. Estudos Avançados, vol. 03. n° 07. São Paulo, 1989. Disponível em: <http://www.Scielo.com.br>. Acesso: 18 abr. 2020.

BEDIN, Thaís; VIEIRA Ethieli. **Uma Reflexão sobre o ensino da arte nos anos iniciais do ensino Fundamental**. IX Congresso Nacional de Educação – UDECERE, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7679_6390.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

BNCC. **Base Nacional Curricular**. Brasil, Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em 23 mar. 2020.

CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. Ateliê de arte na escola: percursos dialógicos entre o espaço vazio e o espaço a ser apreendido. 2011. **Revista ouvir ou ver**, vol. 06. n° 02. Julho/dezembro 2011. Disponível <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver>. Acesso 13 nov. 2020.

CANDA, Cilene Nascimento. A arte como direito da infância e a sua inserção no ensino fundamental de nove anos. **REP - Revista Espaço Pedagógico**, v. 19, n. 1, Passo Fundo, p. 121-134, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br>. Acesso: 07 dez. 2020.

CARVALHO, Cristina; SANTOS, Maria Emília Tagliari. Bebês, Museus e Mediação: da dimensão estética às relações. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 4. 2019. Disponível: <https://www.scielo.br>. Acesso: 09 dez. 2020.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**, 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DIEHL, Amanda Hoenisch; AMBRÓS, Tatiane Medianeira Baccin; PEREIRA, Luis Henrique Ramalho. Ateliê de arte: uma experiência de criação artística na escola. XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE, 2013. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba de 23 a 26/09/2013. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013>. Acesso: 10 jun. 2020.

EISNER, Elliot E. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 8, n. 2, pp. 5-17, Jul/Dez 2008. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2008/vol8/no2/1.pdf>. Acesso: 20 mar. 21.

FELDMAN, Marina. **A arte e a criança**: fundamentos estéticos para educação infantil. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013. Núcleo de estudos e pesquisa em infância e educação infantil. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br>. Acesso: 17 fev. 2021.

FERRAZ, Maria Heloisa de T; FUSARI, Maria F. Rezende. **Arte na educação escolar**. 4ª ed. Ed. Cortez, São Paulo. 2010.

FISCHER, Esnst. **A necessidade da arte**. Tradução: Leandro Konder. Ed. 9ª. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Ed, Paz e terra, 25ª ed. 1996. Disponível em: <http://www.apeosp.org.br>. Acesso: 12 abr. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROBEL, Maria Cecília Blumer; TELLES, Virgínia Lúcia Camargo Nardy. Da comunicação visual pré-histórica ao desenvolvimento da linguagem escrita [...]. **Revista acadêmica Osvaldo Cruz**, 2014. Disponível em: Revista.oswaldocruz.br/Edicao_01/Artigos. Acesso: 22 jan. 2021.

GUSMÃO, Roney; MEIRA, Célio. Cultura, Arte e Educação: identidades emancipatórias. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 202, março 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br>. Acesso: 02 jan. 2020.

GUZI, Luisa Ferreira. Artes visuais para o ensino fundamental anos finais: um relato de experiência. **Cadernos da Pedagogia**, v. 13, n. 26. Out/Dez 2019. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br>. Acesso: 27 mar. 2021.

HOFSTAETTER, Andrea. Criação de material didático em artes visuais: dispositivos sensíveis para a proposição de experiências de aprendizagem. 26º Encontro da Associação Nacional dos pesquisadores em Artes Plásticas. Memórias e inventações. **Anais...** Campinas, 2017. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2017>. Acesso: 16 abr. 2020.

LOPES, Elisiane Souza Saiber. **Abordagem triangular**: concepções e práticas pedagógicas de professores de arte dos anos iniciais do ensino fundamental. Universidade regional de Blumenau – FURB. Centro de ciências da educação, artes e letras – CCEAL. Programa de pós-graduação em educação. Blumenau, 2015. Disponível em: <https://www.bdt.d.ibict.br>. Acesso: 20 dez. 2020.

- LORENZETI, Paulo. **Estudo sobre casas**: formas de habitar a arte. Relato de Experiências. 2015. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/relatos-de-experiencia/relato.php?id=75930>. Acesso: 27 mar. 2020.
- MARAFON, Danielle; MENEZES, Ana Claudia. **A abordagem de Reggio Emilia para aprendizagem na educação infantil**. XIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Formação de professores; contextos, sentidos e práticas. IV Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação – SIRSSE. VI Seminário Internacional de sobre profissionalização docente – SIPD/CÁTREDA UNESCO, 2017, p. 5998. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br>. Acesso: 16 nov. 2020.
- MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Arte, só na aula de arte? **A Revista Educação**, vol. 34, n° 3, 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br>. Acesso: 15 abr. 2020.
- MORAES, Geraldo José Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. Universidade Estadual Paulista – UNESP. **Revista Brasileira de História**, v. 20, n. 39. São Paulo, 2000. Disponível: <http://www.scielo.br>. Acesso: 29 jan. 2019.
- PEREIRA, Mauricio Gomes; GALVÃO, Taís Ferreira. **Etapas de busca e seleção de artigos em revisões sistemáticas da literatura**. Epidemiologia e Serviços de Saúde. Versão online. V. 23, n. 02. 2014. Disponível: <http://scielo.iec.gov.br/scielo>. Acesso: 23 mar. 2021.
- REZENDE, Paula Cristina Medeiros; OLIVEIRA, Tamara Rossi de. Parangolé: arte, infância e educação. **Pro-posições**. v. 25, n. 2, maio/agosto. 2014. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso: 08 dez. 2020.
- RONCONI, Ana Cristina Aloia; ATIHÉ, Eliana Braga Aloia. Trabalhando para chegar ao significado: pequenas histórias do ateliê de artes. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v.5, n.1, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br>. Acesso: 10 nov. 2020.
- SANTOS, Eliane Aparecida Galvão dos; ZUCOLOTTO; Marcele Pereira da Rosa e RODRIGUES, Paula Adriana. Ateliê: um mundo de possibilidades para professores e escola de educação infantil. **Revista Trilhas pedagógicas**, v. 8, n. 8. Ago. 2018. P.121-133. Disponível em: <http://fatece.edu.br/revista%20trilhas/trilhas-pedagogicas>. Acesso: 16 nov. 2020.
- SCHLINDWEIN, Luciane Maria; LATERMAN, Ilana; CASTRO, Joselma Salazar de. NUPEDOC: Formação Humana, Arte, Infância e Pesquisa. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**. Formação Docente. Belo Horizonte. v. 10. Nº 19. Jul./dez. 2018. Disponível em <http://www.revformacaodocente.com.br>. Acesso: 07 dez. 2020.
- SILVA, Márcia Dárquia Nogueira da. **As artes visuais nas práticas das professoras de uma unidade Municipal de educação infantil de Belo Horizonte**. Programa de pós-graduação em educação, 2015. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.bdt.d.ibict.br>. Acesso: 20 dez. 2020.
- SOMBRA E LUZ**: o despertar de sensações nas crianças. 1 fotografia. Disponível em: <https://colegios.redemarista.org.br/ipanema>. Acesso: 30 mar. 2021.

UTUARI, Solange. O professor propositor. 25º Seminário Nacional de Arte Educação. **Anais e Educação: poéticas, pesquisas e docências**. Ed, Fundarte, 2016. Disponível em <http://seer.fundarte.rs.gov.br/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

VELOZO, Rodrigo da Silva. Música folclórica e percussão corporal na sala de aula. **Revista de Música na Educação Básica**. Vol. 09, n. 10. 2017. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas>. Acesso: 16 fev. 2021.

VIEIRA, Ana Lúcia Kroeff. Teatro de sombras na educação infantil, na contemporaneidade: vivências no uso de telas móveis. **Revista Educação, Artes e Inclusão**. Vol. 11. N. 01. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao>. Acesso: 06 mar. 2021.

WEBZINE. Bora fazer arte?! Vitrais. **Youtube**. 25 maio 2021. Centro de estudo e pesquisa ciranda da arte. Produção e apresentação: Kessia Coutinho. Secretária de Estado da Educação de Goiás. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 14 fev. 2021.

ANEXOS

Fotografias do arquivo pessoal da Jenifer Yasmin

Foto 01- Luminária de madeira (2020)



Foto 02- Mesinha coração (2019)



Foto 03 - Pintura em mini quadro (2020)



Foto 04 - Gravura em madeira (2020)



Foto 05 - Porta chaves com pintura em madeira (2020)



Pintura em porta em lettering (2020)

Foto 06

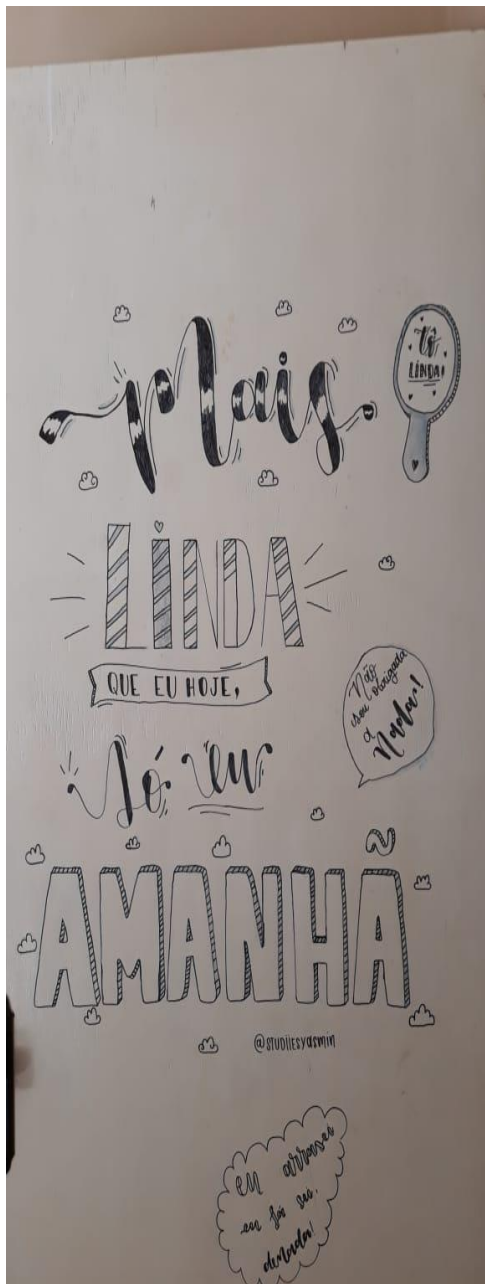


Foto 07



